

“Gramática é conceitualização”

“Grammar is conceptualization”

Maria Claudete LIMA (UFC)
claudete@ufc.br

Recebido em: 16 de maio de 2018.
Aceito em: 20 de jun. de 2018.

LIMA, Maria Claudete. “Gramática é conceitualização”. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 8, n. esp., p. 79-97, set. 2018.

Resumo: Ancorado numa abordagem cognitivo-funcional (LANCKAGER, 1987, 1991, 2000), este trabalho tem por objetivo demonstrar o papel de funções cognitivas, como a memória, a atenção e a percepção, na codificação verbal da experiência. Para tanto, analisa a topicalidade, o estatuto informacional e a saliência cognitiva de 1061 construções de voz passiva, média e impessoal, retiradas de um corpus do português arcaico, a *Crônica Geral de Espanha de 1344*. Os resultados da análise dessas variáveis indiciam que estas construções estão relacionadas aos quatro ajustes focais, ligados à percepção e à atenção, que atuam na conceitualização de eventos: focalização, perspectiva, especificidade e proeminência. Embora haja diferença no tipo de ajuste que predomina em uma construção ou outra, a relação entre o tipo de construção de voz e os ajustes focais mostra que a gramática é conceitualização, como a considera a gramática cognitiva.

Palavras-chave: Conceitualização. Voz verbal. Ajustes focais.

Abstract: This work, situated in a cognitive-functional approach (LANCKAGER, 1987, 1991, 2000), aims to demonstrate the role of cognitive functions, such as memory, attention and perception, in the verbal coding of experience. It will do so by analysing topicality, informational status and cognitive salience in 1061 passive, middle and impersonal constructions' occurrences, collected from an archaic Portuguese corpus, *Crônica Geral de Espanha de 1344*. The results of the analysis of these variables indicate that these constructions are related to four focal adjustments, related to perception and attention that act in the conceptualization of events: focus, perspective, specificity and prominence. Although there is a difference in the type of focal adjustment that predominates in one construction or another, the relationship between the type of voice construction and focal adjustments shows that grammar is conceptualization, as Cognitive Grammar considers it.

Keywords: Conceptualization. Verbal voice. Focal adjustments.

Introdução

O objetivo desse trabalho é mostrar, através de uma análise empírica, que a gramática tem uma função semiótica: ela precisa fazer sentido para servir à sua função de comunicar. Não é um sistema autônomo, uma série de regras abstratas que operam independentemente do significado; ao contrário, constitui-se de estruturas simbólicas, emparelhamentos forma/sentido, através das quais organizamos a experiência a ser comunicada (cf. LANGACKER, 1987). Concebida desse modo, a gramática constitui um recurso de codificação da experiência, um meio de dar forma ao fluxo contínuo dos processos que vivenciamos e percebemos e das entidades que nos cercam. Noutras palavras, “a gramática é conceitualização”, como afirmam Croft & Cruse (2004), atribuindo a frase a Langacker, como uma espécie de slogan da Gramática Cognitiva.

Conceitualização é entendida aqui como uma habilidade cognitiva dinâmica, interativa e imaginativa: “as flexões gramaticais e as construções gramaticais desempenham um importante papel na construção da experiência a ser comunicada de variadas maneiras” (CROFT & CRUSE, 2004, p.3)¹. Isso significa que os significados das expressões linguísticas têm não só um conteúdo conceitual, mas um *construto*:

uma noção fundamental da semântica cognitiva é que uma predicação não reside no conteúdo conceitual isolado, mas necessariamente incorpora um modo particular de construir e retratar este conteúdo (LANGACKER, 1991, p.4)²

¹ ...grammatical inflections and grammatical constructions play a major role in construing the experience to be communicated in specific ways (CROFT & CRUSE, 2004, p.3).

² A fundamental notion of cognitive semantics is that a predication does not reside in conceptual content alone but necessarily incorporates a particular way of construing and portraying that content (LANGACKER, 1991, p.4).

As várias maneiras de organizar a experiência dependem de fenômenos cognitivos como *percepção e atenção*. A partir da análise de um fenômeno específico, a saber, a codificação de um evento transitivo, demonstraremos como esses processos cognitivos estão na base das construções gramaticais.

As ocorrências foram retiradas da *Crônica Geral de Espanha de 1344* (doravante CGE), edição crítica de Luís Filipe Lindley Cintra (1951) e disponibilizada ao público através do Projeto *Corpus Informatizado do Português Medieval* – CIPM.

Este trabalho acha-se dividido em três seções. Primeiramente, discutimos a conceitualização de eventos, tomando como eixo Langacker (1991, 2000). Em seguida, apresentamos brevemente os procedimentos metodológicos que nortearam a análise. Por fim, apresentamos de que forma os ajustes focais se manifestam na codificação linguística de um evento transitivo, apoiando-nos nos resultados da análise de Lima (2009) quanto ao comportamento das construções passiva, impessoal e média. Nesta discussão, embora apresentemos dados estatísticos, como estes não são o foco deste trabalho em si, limitamo-nos a referências a estes como indícios de que a gramática manifesta conceitualizações.

A Conceitualização de Eventos

Numa perspectiva cognitivo-funcional, como a que estamos a tomar, a língua não é tida como uma faculdade independente, mas um reflexo direto dos processos cognitivos. Um postulado fundamental, nessa abordagem, é o da não-autonomia da linguagem e da gramática, vistas num amplo contexto em que interagem aspectos cognitivos, comunicativos e culturais. A língua é um fenômeno psíquico, tal como a memória, a percepção, que serve ao mesmo tempo a uma função simbólica e a uma comunicativa. Nas palavras de Langacker (2000):

a língua é formada e limitada pelas funções que serve. Isto inclui a função semiológica de permitir que conceitualizações sejam simbolizadas por meio de sons e gestos, bem como uma função interativa multifacetada, envolvendo comunicação, manipulação, expressividade e comunhão social (LANGACKER, 2000, p.2)³.

³ Language is shaped and constrained by the functions it serves. This includes the semiological function of allowing conceptualizations to be symbolized by means of sounds and gestures as well as a multifaceted interactive function involving communication, manipulation, expressiveness, and social communion (LANGACKER, 2000, p.1).

Uma conceitualização, em especial, a conceitualização de eventos, pode ser entendida como um *construto da cena*, ou seja, uma *interpretação* do evento. A semiotização ou codificação dependerá, de um lado, do construto da cena pelo falante, e, do outro, dos recursos linguísticos à sua disposição.

O construto resulta de fatores como *focalização*, *perspectiva*, *especificidade* e *proeminência*, todos relacionados a processos cognitivos mais amplos como a *percepção* e a *atenção*. A percepção pode ser entendida como um processo dinâmico de organizar e interpretar dados sensoriais recebidos para desenvolver a consciência do ambiente que nos cerca e de nós mesmos. Por *dinâmico*, queremos assinalar que a percepção não é mero processamento das informações e de recuperação de propriedades pré-determinadas do mundo. Em outras palavras:

considerando que essas situações locais mudam constantemente como resultado da atividade do observador, o ponto de referência para compreender a percepção não é mais o mundo predeterminado, independente do observador, mas sua estrutura sensório-motora (...). Esta estrutura __ a maneira pela qual o observador é incorporado __ não especifica nenhum mundo predeterminado, mas o modo como o observador pode agir e ser modulado por eventos ambientais (VARELA, THOMPSON e ROSCH, 2003, p. 177).

Na percepção, não temos um sujeito passivo que simplesmente tem contato com o objeto do conhecimento através de habilidades sensoriais. Trata-se, na verdade, de um processo ativo em que intervém uma complexa interação de fatores:

O que penetra na consciência não é uma réplica fiel do estímulo (seja lá o que for), mas, na verdade, uma *interpretação* dele. (...). O que está na consciência constitui uma espécie de crença sobre o que está no mundo exterior. Esta crença pode ser derivada do que é apresentado aos nossos sentidos, mas é fortemente influenciada por expectativas contextuais, bem como predisposições individuais e culturais. Tudo isto se combina para produzir em nossas mentes algum tipo de interpretação do que está ocorrendo no mundo lá fora. A palavra-chave para nós aqui será que a *percepção é interpretativa*. (CHAFFE, 1977, p.217)⁴.

⁴ What enters consciousness is not a faithful replica of the stimulus (whatever that might be), but rather an *interpretation* of it. (...) What is in consciousness constitutes a kind of belief about what is in the outside world. This belief may be derived from what is presented to the senses, but is heavily influenced by contextual expectations as well as cultural and individual predispositions. All these things combine to produce in our minds some kind of interpretations of what is going on outside. The key notion for us here will be that *perception is interpretative* (...)(CHAFFE, 1977, p.217).

Os quatro fatores — focalização, perspectiva, especificidade e proeminência — que influenciam as várias maneiras de organizar a experiência estão ligados à habilidade visual e podem ser considerados metaforicamente como *ajustes focais*: para o que escolhemos olhar, de onde o olhamos, o quão cuidadosamente o examinamos e no que prestamos atenção.

A *focalização* determina as facetas da cena. Diz respeito ao acesso de porções específicas de nosso universo conceitual. Envolve tanto a seleção de *conteúdo conceitual* para a representação linguística, bem como seu arranjo no que foi chamado relevo discursivo (*grounding*), distinção tomada da *Gestalt*, em que se descrevem assimetrias, a exemplo da que existe entre a chamada oração principal, considerada Figura, e a subordinada, considerada Fundo.

A *perspectiva* diz respeito à posição do observador, ou seja, de onde vemos a cena. O falante pode escolher, para construir a cena, o seu ponto de vista, o do ouvinte ou de alguém mais. Na *codificação*, manifestação linguística de uma conceitualização, a perspectiva se revela na ordem dos constituintes e na escolha do sujeito. É assim que Dik (1997) descreve a relação de construções alternativas:

as diferenças relevantes podem ser comparadas a diferentes fotografias tomadas de um mesmo evento. Por exemplo, se o evento consiste de uma disputa entre policiais e manifestantes, uma foto poderia representar o evento do ponto de vista dos manifestantes, uma outra poderia representá-la do ponto de vista dos policiais. E estas duas fotos podem “contar uma história diferente”, muito embora o evento retratado seja o mesmo (DIK, 1997, p.251)⁵.

A *especificidade* concerne ao nível de precisão e detalhe em que uma situação é caracterizada. Metaforicamente, comparando-se a conceitualização com a visualização de uma cena, uma construção altamente *específica* descreve uma determinada situação em pequenos detalhes, numa alta resolução. Uma construção mais *esquemática* pode descrever a mesma situação em seus traços gerais, numa baixa resolução⁶.

⁵ The relevant differences can be compared to different photographs taken of one and the same event. For example, if the event consists of a fight between policemen and demonstrators, one picture might represent the event from the point of view of the demonstrators, another might represent it from the point of view of the policemen. And these two pictures may “tell a different story”, even though the event pictured is one and the same (DIK, 1997, p.251).

⁶ Esta concepção tem como correlata a noção de *granularidade* em psicologia (cf. KEMMER, 1993, p.210).

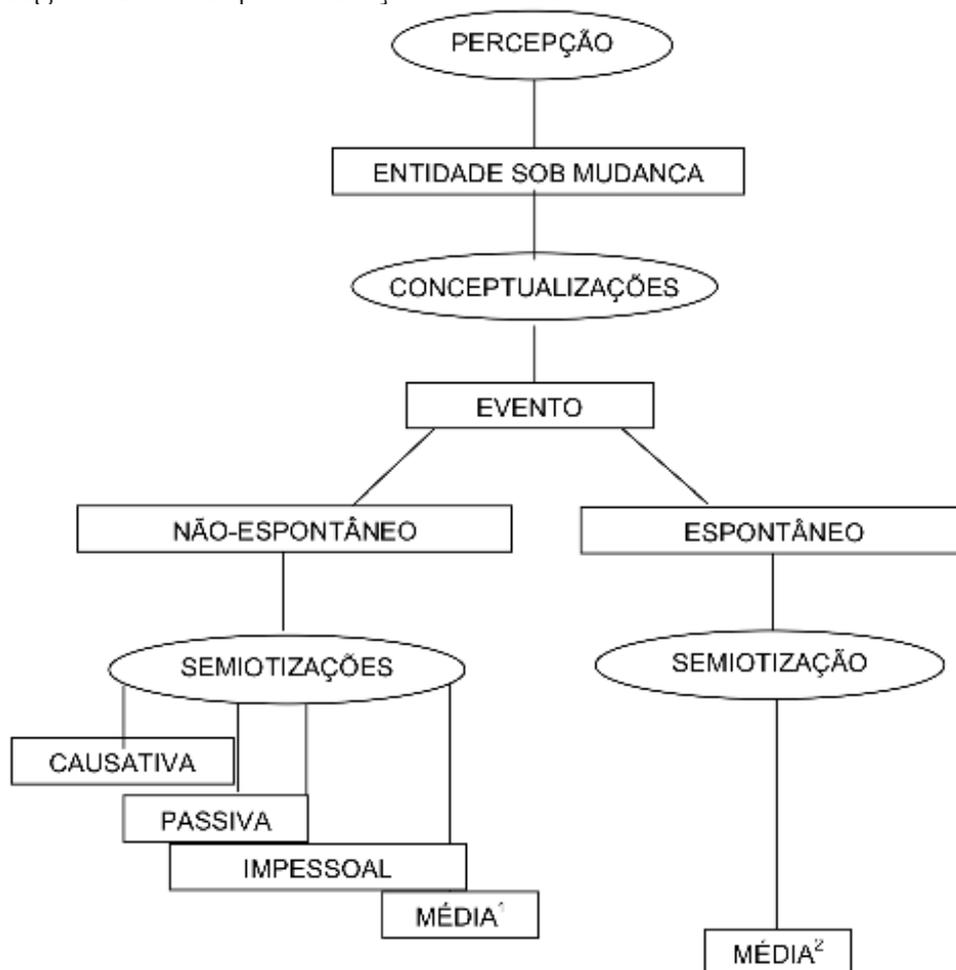
Assim, uma construção como *algo aconteceu* é mais esquemática que outra como *alguém perdeu algo*, que, por sua vez, é mais esquemática que outra do tipo *um menino perdeu um livro*, mais esquemática ainda que uma como *um relapso menino perdeu um excelente livro*, num aumento progressivo de graus de especificidade, teoricamente, ilimitado. Todavia, como Langacker (2000) ressalva, as construções mais comuns na língua misturam esquematicidade e especificidade, a exemplo de *alguém perdeu um livro*. Isso certamente pela necessidade comunicativa de equilibrar informação *nova/dada* no discurso.

A proeminência diz respeito à saliência dos participantes. Depende daquilo em que focamos nossa atenção. Manifesta-se na relação *trajector/marco*. *Trajector* (tr) é, conforme Langacker (1987), o participante mais proeminente, que representa a entidade conceitualizada como sendo localizada, avaliada ou descrita; é, portanto, Figura, enquanto o *marco* (m) é o participante secundário, Fundo do *trajector*.

Os ajustes focais se manifestam em vários pontos da gramática de uma língua. Ilustraremos com a voz, ligada ao fenômeno mais geral da transitividade, aqui concebida como categoria escalar, associada à transmissão de energia de um participante a outro.

Com o fim de representar nossa concepção da representação de eventos, propomos em Lima (2009, p.234) a Figura 1, que conjuga a proposta de Pottier (1992) à noção de média espontânea de Kemmer (1993) e leva em conta o fato de que a expressão morfossintática da transitividade reflete aspectos cognitivos (cf. DELANCEY, 1987).

Figura 1 – A representação de eventos



Fonte: Lima (2009, p. 234).

A Figura 1 ilustra que, diante da percepção de uma entidade sob mudança, temos duas conceitualizações de eventos possíveis, a depender de fatores pragmático-cognitivos como *intenção, saliência, imaginação*, entre outros (cf. Chafe, 1994). Assim, o evento pode ser conceitualizado como não-espontâneo, ou seja, provocado por alguma entidade, não necessariamente humana; ou como espontâneo, isto é, ocorrendo independentemente de qualquer outra entidade.

No primeiro caso, quatro semiotizações ou codificações se oferecem, em português, ao enunciador: causativa, passiva, impessoal e média não-espontânea. No segundo, a codificação média espontânea é a codificação usada para expressar eventos não-provocados. Como, em português, não há distinção formal entre a média não-espontânea e a espontânea⁷, a construção média é comum às duas conceitualizações

⁷ O que chamamos média é a codificação do construto absoluto, em que o tema é a entidade sob mudança e não há nenhuma referência à entidade causadora. Para mais detalhes sobre esta construção e os subtipos listados aqui, remetemos o leitor ao capítulo 9 de Lima (2009).

de eventos, ficando a distinção por conta do contexto. Exemplificamos tais construções com ocorrências (1-7) do *Corpus* analisado⁸.

- (1) *Construção impessoal não-clítica*⁹
 - a. E em este ryo *tiran ho ouro fyno*¹⁰. (CGE-22)
 - b. e em que *lavraron muytas e boas terras* (CGE-18)
- (2) *Construção impessoal clítica*
 - a. grandes feitos *que se hy fezeron* (CGE-48)
 - b. por os mudamentos dos muytos senhorios, *se perdero~ os livros* (CGE-1)
- (3) *Construção passiva*
 - a. *Troya foy destroyda* a segunda vez (CGE-7)
 - b. E *foy hi morto o emperador Almycal*. (CGE-51)
- (4) *Construção medial clítica*
 - a. as arvores aadur apodrece~ hy e *as hervas nu~ca se secam* [...]. (CGE-15)
 - b. E aqui *se acabou o reyno dos Estrogodos de todo*. (CGE -122)
- (5) *Construção medial não-clítica*
 - a. e muy boos prados *que no~ secam* em nem hu~u~ tempo. (CGE -41)
 - b. E, quando *enche o Tejo* [...]. (CGE-37)
- (6) *Construção média perifrástica*
 - a. *ficarom os Godos muy louça~a~os* (CGE-81)
 - b. E Bellasaryo, logo que *foy certo da sua viinda* (CGE-115)
 - c. e vyram como era~ hydos e *ficava o logar desemparado* (CGE-76)

⁸ Os números entre parênteses indicam o capítulo de onde foi extraída a ocorrência. Usamos itálico para destacar a construção exemplificada e sublinhado para destacar outros elementos (Causativo, por exemplo). Os exemplos transcritos seguem as normas de transcrição do CIPM, que faz adaptação grafemática dos diacríticos que figuram sobre o grafema na edição, colocando-os à direita deste: por exemplo, ã → a~, como em *perdero~* (originalmente, perderõ).

⁹ Ao denominarmos de impessoal os dois tipos de construções exemplificados em (1-2), estamos adotando parcialmente a denominação de Camacho (2002, 2003), o qual chama assim a construção denominada passiva sintética na NGB, que, conforme uma tendência de perda dos clíticos, pode manifestar-se na forma não-clítica, razão por que o autor adota duas subclassificações: a *impessoal clítica* e a *impessoal não-clítica*.

¹⁰ Por limite de espaço, deixamos a cargo do leitor a compreensão dos exemplos em português arcaico, na maior parte, suficientemente transparentes.

(7) *Construção causativa*

- a. *mandou por Sa~ Leandre e San Fulgencio e Mansona e por todollos outros que eram desterrados (CGE-132)*
- b. *e depois desterrouhos todos fora do arcebispado (CGE-97)*

Tomando por base a codificação de um evento transitivo, verificaremos como os ajustes focais se refletem nas construções gramaticais. Passaremos a seguir a descrever brevemente os procedimentos metodológicos que adotamos neste percurso.

Procedimentos metodológicos

Com o fim de demonstrarmos como a gramática é conceitualização, analisamos em 1061 construções de voz passiva (480), média (382) e impessoal (199), retiradas dos 150 primeiros capítulos da *Crônica Geral de Espanha* (69 mil palavras), os fatores da topicalidade, a saliência cognitiva e o estatuto informacional, ligados aos ajustes focais.

A topicalidade foi avaliada com base nas medidas de Givón (1995): a distância referencial e a persistência catafórica, que avaliam a topicalidade por meio da continuidade referencial em duas direções opostas: anafórica e cataforicamente. A primeira medida consiste em verificar-se se e onde o referente da ocorrência aparece nas três orações anteriores. A segunda medida, adaptada de Givón (1995), consiste em contar quantas vezes o referente figura nas três orações seguintes à ocorrência.

A saliência cognitiva foi medida conforme três parâmetros: grau do traço [+animado], definitude e número do SN. A escala do traço [+animado] segue a hierarquia de empatia de Langacker (1991): humano > animal > inanimado concreto > abstrato, que avalia a probabilidade de uma entidade ser escolhida como Figura. A definitude, que diz respeito ao grau de unicidade do referente, à avaliação que o falante faz do grau de acessibilidade e identificabilidade do referente por parte do ouvinte, foi analisada, com base em Givón (2001), numa escala quartenária: altamente definido (por exemplo, nomes próprios), definido, indefinido e altamente indefinido (pronomes indefinidos), reagrupada depois em uma variável binária: definido e indefinido.

O último parâmetro avaliado, o estatuto informacional, ligado à topicalidade e à saliência cognitiva, seguiu basicamente a proposta de Prince (1981), que classifica as entidades discursivas em *novas*, *inferíveis* e *evocadas*, conforme sejam, respectivamente, introduzidas pela primeira vez no discurso; deduzidas de outras entidades presentes, que acionam o conhecimento de mundo do ouvinte; ou estejam presentes no discurso ou na situação.

Após coleta e categorização das ocorrências, os dados receberam tratamento estatístico no software SPSS–*Statistical Package for the Social Sciences*, versão 12, que nos deu as frequências simples e os percentuais de cada variável.

A escolha do *corpus* arcaico se deu primariamente pela tentativa de se flagrar, em um estágio mais remoto da língua, evidências semânticas e estruturais que justificassem a relação entre as construções estudadas, observada no português moderno. Todavia, o fenômeno da conceitualização perpassa, a nosso ver, toda a gramática e, se assim for, os resultados serão indiferentes ao *corpus* escolhido.

Os ajustes focais nas construções passiva, média e impessoal

As construções de voz revelam o ajuste focal da focalização, vez que representam todas conceitualizações em que o falante escolhe um foco específico: a entidade causadora, a própria mudança de estado ou a entidade afetada pela mudança.

Com efeito, a causativa ou ativa diferencia-se das demais por focalizar a entidade provocadora do estado-de-coisas. Já a passiva, a impessoal e a média têm em comum o fato de representar um evento conceitualizado sem referência explícita à causa, que é desfocalizada, portanto.

Tal conclusão, no que diz respeito às construções passiva, média e impessoal, consideradas por Givón (1993) como de-transitivas por envolver um decréscimo de transitividade, é reforçada pela análise de 1061 ocorrências da CGE, quanto ao parâmetro da topicalidade, da saliência cognitiva e do estatuto informacional do SN que figura nas construções como entidade afetada.

A própria codificação linguística das construções passiva, média e impessoal, ao desfocalizar o Causativo¹¹, seja deixando-o sem expressão,

¹¹ Estamos chamando *Causativo* neste trabalho um macropapel que engloba os papéis com o traço [+causa]: agente, força e causativo.

seja codificando-o por um SP, já revela o fenômeno da focalização, como já aludimos. Com efeito, uma codificação linguística requer antes de tudo uma seleção do universo conceitual, do domínio a que se refere, quer se expresse por uma construção ativa ou por passiva, ou por outra qualquer. O processo de focalização, ligado à atenção, parece ser geral na linguagem. A questão que se faz é: se todas estas construções revelam a focalização, em que se diferenciam quanto aos ajustes focais? Noutras palavras, de que modo as diferentes construções de voz revelam ajustes focais? Partimos do pressuposto de que as construções estudadas codificam diferentes construtos. Essas diferenças, discutidas adiante, se evidenciam quando se comparam exemplos semelhantes, como os transcritos em (8-10), os quais nos furtamos de comentar em razão do espaço.

(8) Passiva e média

- a. Passiva: a cidade de Tallaveyra *foy acabada*, sempre se defendeu per sua boa obra. (CGE-32)
- b. Média: E aqui *se acabou* o reyno dos Estrogodos de todo (CGE-122)

(9) Passiva agentiva, passiva não-agentiva e impessoal

- a. Passiva agentiva: el rey Allarigo *fora morto* por el rey Clodoveo (CGE-104)
- b. Passiva não-agentiva: E *foy hi morto* o emperador Almycal (CGE-51)
- c. Impessoal: E enno seu termho *mata~ hu~u~* peixe que ha nome alffarida (CGE-40)

(10) Passiva e média

- a. Passiva: ca no~ tan solamente *forom departidos* em a linguagem (CGE-2)
- b. Média: E desta guysa *ficou* o senhorio dos Suevos *departido* em duas partes (CGE-93)

Considerando o papel da percepção, essencialmente interpretativa, para averiguar o papel dos ajustes focais nas construções de voz, verificamos se o grau de saliência e a topicalidade das entidades envolvidas influencia no tipo de construção usada para codificar determinado construto.

Os ajustes focais na codificação passiva

No que diz respeito à passiva, a análise das 480 ocorrências de passivas indicou ser esta uma construção usada diante de duas entidades igualmente salientes do ponto de vista perceptual, da realidade objetiva. Os dados mostram que tanto o SN sujeito — 58,8% — como o SN Causativo da passiva — 87,7% — representam entidades humanas. Além disso, tanto o Afetado¹² (59%) como o Causativo (58%), nessa construção, codificam informação evocada. Daí a escolha do Afetado como *trajector*, como ponto de partida, não dependerá, essencialmente, da distribuição de informação nova e velha.

A escolha de uma codificação passiva para eventos em que as duas entidades são igualmente proeminentes do ponto de vista da hierarquia da empatia depende, portanto, da perspectivação, ou seja, do ponto de vista escolhido para construir a cena, do participante escolhido como *trajector*, como Figura. O fato foi observado por Camacho (2002) diante da significativa frequência de entidades humanas como sujeito da passiva, embora, em seus dados, entidades humanas não tenham sido predominantes.

Os dados da CGE¹³ ressaltam o papel da perspectivação na passiva, ao apresentar predominância de entidades humanas nos dois participantes. Embora Afetado e Causativo representem entidades humanas e informação evocada, o Afetado mostrou-se tópico¹⁴ na maioria das ocorrências (59%, 283/480), o que pode explicar sua escolha como Figura. Observem-se a propósito os exemplos (11-13) em que o Afetado é representado por anáfora zero, o que mostra o caráter de altamente tópico pelo critério da distância referencial e da persistência catafórica.

- (11) e ally descavalgaron, ca elles tragua~ seus cavallos e~ a frota. E armaronsse o melhor que \emptyset poderon. E, despois que \emptyset foron armados, \emptyset cobrirom os mantos por no~ \emptyset parecer armados e \emptyset leixaron ally os cavallos co~ os home~e~s de pee... (CGE, 114)

¹² Afetado trata-se também de um macropapel, em que agrupamos todos os papéis com o traço [+afetado]: paciente, experienciador, beneficiário.

¹³ Não é nosso objetivo neste trabalho detalhar todos os resultados quantitativos da análise empreendida em Lima (2009). Remetemos o leitor interessado nos dados quantitativos da passiva ao cap. 8 de Lima (2009).

¹⁴ Usamos o termo *tópico* no sentido de Givón (1995): como uma categoria discursiva que é codificada gramaticalmente em diferentes graus (primário e secundário).

- (12) E, depois que foy roubada a cidade de Roma e o casamento feyto, partiosse el rey Ataulfo de Ytallia e leixouha em paz por honrra do emperador Honoryo, seu cunhado, e foisse aas Franças e guerreouhas tanto ataa que lhe obedecero~ com o senhorio. E, desde *Ø foy firmado por rey* e senhor das Franças, *Ø* ouvyo dizer as demesuras e crueldades que os barboros faziam e~ Spanha e *Ø* moveosse con grande [piedade] aas mizqui~i~dades e quebrantos que recebyam os d’Espanha e ajuntou suas hostes pera lhes hyr acorrer.(CGE, 82)
- (13) E esto foy por duas cousas: a primeira, por que elle era muy nobre rey em condiço~o~es e esforçado e~ cavallarya e muy recebedor dos boos e faagueyro e de boo doayro a todos e justioso em todo tempo e logar; a segunda, por que elle no~ demandava o reyno pera sy mas pera seu neto Amallarico que era godo. E, por estas razo~o~es, *Ø foy recebido*. E *Ø* reynou e~nas Spanhas doze a~nos em logar de seu neto, que era ainda moço. E este foy o prymeyro a~no do seu reynado e~nas Spanhas. (CGE, 106)

De fato, em 62,2% das ocorrências de Causativo expresso na passiva (17,5% do total de ocorrências de passivas), este não figura nas três orações anteriores à construção, ou seja, são não-tópicos, como ilustram os exemplos (14-16).

- (14) Este era de grande trabalho e muy agudo em despoer a escriptura e muy dilige~te em guaanhar as almas pera Deus; e era muy honesto e temperado em comer e muy homildoso e~no vestyr, ca dizia elle que no~ era razon que os bispos, que devya~ seer servos de Jhesu Cristo, fosse vestidos de pomposas vestiduras (C145)
- (15) e matou hy muytas companhas dos Suevos e cativou muytos delles e os outros fogyro~. E foy ferydo de hu~u~ dardo el rey Requilyno; (CGE, 92)
- (16) Mas, quando os Godos e os Roma~a~os virom que os no~ podyam assy de ligeyro dally mover, cometero~nos muy mais forteme~te. Ento~ foy Torismundo ferido de hu~a lança e~na cabeça (CGE, 87)

A passiva se configura, portanto, como uma conceitualização de evento causativo em que a entidade causadora, embora saliente cognitivamente, pelo traço predominantemente [+humano], não é perfilada e, por isso, pode deixar de ser especificada, como ocorre em 82,5% das ocorrências.

Os ajustes focais na codificação impessoal

Enquanto na passiva nos deparamos com entidades cognitivamente salientes no papel de Afetado e de Causativo, na impessoal, a saliência cognitiva maior é do Causativo. O Afetado é predominantemente inanimado (80%); já o Causativo, humano (97,5%). Há, portanto, uma inversão do fluxo natural, em que, normalmente, a entidade humana é selecionada como Figura e a entidade inanimada como Fundo, considerando-se que o Causativo é predominantemente não-expresso¹⁵.

(17) ca e~nos livros das cronicas melhor era de *se screpver as nobres cavallaryas e as boas façanhas* (CGE, 144)

(18) que era~ scriptos os grandes feitos que *se em elle antigamente fezeron* (CGE, 1)

Para além da baixa saliência cognitiva, o Afetado apresenta baixa persistência catafórica. Em 74,4% (127/171) das impessoais clíticas e 71,5% (10/14) das impessoais clíticas, o Afetado não é mencionado nas três orações seguintes à ocorrência, o que indica não possuir importância temática (cf. GIVÓN, 1995).

(19) Parte o termho de Lixboa con o termho d'Exubam. E Eixuba~jaz ao sol levante de Lixboa e ao poente de Cordova e jaz em muy boa terra e muy cha~a~ e de muytas boas arvores e de muy boa sementeyra. E en seu termho ha muy boas montanhas *honde se poderyam cryar muitos gaados*. E he terra de muytas auguas corredias e he muy boa terra de caça, assy de monte como de ribeyra. E ha por vizinho o mar come se estende. (CGE, 39)

¹⁵ Na análise dos dados da CGE, encontramos quatro ocorrências de impessoal clítica com Causativo expresso por SP na própria oração, como em “...por os mudamentos dos muytos senhorios, se perdero~ os livros” (CGE-1) (cf. LIMA, 2009, p.300).

(20) E o termho de Ratupel parte con o termho de Çorita. E Çorita jaz co~tra o sol levante de Cordova, hu~u~ pouco desvyado contra o septentrion. E jaz em muy boa terra e muy saborosa de muytas boas cousas. E ha hy muytas e boas arvores que dam muytas e boas especias. E Çorita he muy forte e muy alta e Ø fezero~*na* de pedra de Ratupel, ca ha hy muytas e boas pedras¹⁶. (CGE-31)

Note-se como o Afetado, embora possa ser tópico pelo parâmetro da distância referencial (75,9% das impessoais não-clíticas apresentam referente do SN na oração imediatamente anterior), não é retomado nas orações posteriores, o que parece indicar ser predominantemente uma construção de fechamento de cadeia tópica.

Desse modo, a impessoal, longe de ser uma construção de perspectivação, como a passiva, é uma construção esquemática, cujo foco é o evento em si. O Causativo, embora represente uma entidade humana, é desfocalizado em favor do evento, predominantemente genérico, não-especificado, de valor habitual. Esse dado é comprovado pelo alto índice de eventos imperfectivos: 80% dos eventos codificados pela impessoal clítica e 81,7% dos codificados por impessoal não-clítica, como ilustram os exemplos (21-23).

(21) ca sobre o defendymento *se despede ho ouro e a prata* (CGE, 77)

(22) E em este ryo *tiran ho ouro fyno*. (CGE, 22)

(23) a outra he *hu~a vylla que chaman Bardyr* (CGE, 42)

A construção impessoal, assim, é usada em discursos genéricos, em que o Afetado, ainda que de baixa saliência, é tópico secundário, e o Causativo é extremamente pressuposto. Daí ser deixado inespecificado. A impessoal representa, portanto, a codificação do ajuste focal da baixa especificidade.

¹⁶ O capítulo 31, de onde foi retirado exemplo (20), termina nesta frase. O próximo capítulo trata de outro tema (A cidade d'Alfoar).

Os ajustes focais na codificação média

A construção média representa o oposto da impessoal no que diz respeito à saliência dos participantes. Os dados mostraram ser a construção usada quando a entidade causativa é pouco saliente ou tida como inexistente, e a entidade afetada é altamente saliente. Em 65,7% (251/382) das ocorrências de construções médias, o Causativo teve baixa saliência, por ser inanimado ou abstrato, como em (24) e (25).

(24) ouveron medo que *se perderiam con sede*. (CGE, 78)

(25) os estudos dos feitos dos home~e~s *se muda~* en muitas guisas, (CGE, 1)

A entidade causativa, mais abstrata, perceptualmente menos saliente, como *sede*, em (24), é deixada totalmente inespecificada, o que leva à concepção do evento como espontâneo, caso do exemplo (25).

A média constitui, assim, uma construção altamente esquemática, em que a entidade Afetada é Figura. Vale destacar que, no corpus, a codificação de milagres, aparições, e eventos naturais inexplicáveis assume preferencialmente a construção média, como mostram os exemplos (26-28).

(26) *escureceu o sol e a lu~a* (CGE, 87)

(27) *e abaixaron os ryos* (CGE, 76)

(28) *e todos disseron que era mylagre de Deus, ca no~ sabya~ onde enchera* (CGE,44)

Quanto aos Afetados salientes nos três tipos de construções médias, observe-se a Tabela 1, que apresenta os altos índices encontrados. Nos três tipos de média, o SN sujeito é predominantemente animado.

Tabela 1 - Frequência de Afetados salientes cognitivamente

	Nº	%	Total de construções
Média não-clítica	175	75,7	231
Média perifrástica	54	78,7	69
Média clítica	61	75,6	82

A escolha de uma codificação média é, portanto, ao mesmo tempo, uma questão de especificidade e proeminência. A entidade humana afetada, mais proeminente cognitivamente por propriedades objetivas, tais como ser móvel e altamente individuada, é selecionada como sujeito. O Causativo, pouco saliente cognitivamente, é não-codificado.

Considerações finais

Nosso objetivo neste artigo foi demonstrar com dados empíricos como a gramática longe de ser simplesmente um código de representação da realidade constitui, na verdade, uma conceitualização. Noutras palavras, às construções gramaticais subjazem construtos mentais. A codificação verbal depende não só das estruturas à disposição do falante, mas também da interpretação dos dados que a ele chegam, na qual entram processos cognitivos mais gerais, como a memória, a atenção e a percepção.

Na conceitualização de eventos, os ajustes focais da focalização, perspectiva, especificidade e proeminência desempenham papel crucial, como demonstramos a partir da análise de construções de voz. Se a passiva, a média e a impessoal, em português, constituem construções de focalização, pois selecionam determinado participante em detrimento de outro, diferenciam-se quanto aos outros ajustes focais. A passiva relaciona-se predominantemente ao ajuste focal da perspectiva, tendo em vista que tanto o participante Afetado, como o participante Causativo são igualmente salientes do ponto de vista cognitivo.

Já a impessoal e a média apresentam o ajuste focal da especificidade. Ambas são construções esquemáticas, em que o Causativo é predominantemente deixado inespecificado. No caso da impessoal, a inespecificação decorre do alto grau de estatuto evocado e inferível do Causativo. No caso da média, o Causativo não é codificado devido à baixa saliência cognitiva ou simplesmente por não ser concebido, representando a construção, nesse caso, eventos espontâneos ou naturais. A impessoal, com Afetado frequentemente inanimado, focaliza o evento em si, já a média, com Afetado predominantemente animado, focaliza a entidade Afetada, mais saliente cognitivamente.

A passiva partilha com a média o ajuste focal da proeminência, vez que ambas apresentam Afetado cognitivamente saliente. A diferença é que a passiva representa especialmente a atuação do ajuste da perspectiva, pois as duas entidades, Afetado e Causativo, são igualmente salientes. Já a média representa ao mesmo tempo atuação do ajuste da especificidade, por ser esquemática, e o ajuste da proeminência, por apresentar sujeito saliente e Causativo não saliente.

Estas diferenças nos ajustes focais em atuação nas diferentes construções de voz realçam o fato de que tais construções não são simplesmente paráfrases umas das outras, como somos levados a erroneamente concluir pelas semelhanças, mas constituem recursos à disposição do falante para representar variações nos ajustes focais atuantes na conceitualização de eventos.

Cremos, por fim, ter demonstrado, como afirma Chafe (1994, p.21-22), que, para entender a linguagem e a mente, “é essencial reconhecer que todos os aspectos da língua e todos os aspectos da mente pertencem a um complexo sistema integrado, cingindo tudo que nos faz humanos”.

Referências

CAMACHO, R.. Construções de voz. In: ABAURRE, Maria Bernadete e RODRIGUES, Angela C.S. (Orgs) **Gramática do português falado**. Campinas: Editora da Unicamp. pp.227-316, 2002.

CAMACHO, R. Em defesa da categoria de voz média no português. **Revista D.E.L.T.A.** 19:1, pp. 91-122, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/delta/v19n1/18995.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

CHAFE, W. “The recall and verbalization of past experience” in: R. COLE (ed) **Current issues in linguistic theory**. Bloomington: Indiana University Press, 1977.

CHAFE, W. **Discourse, consciousness and time**. Chicago/London: University of Chicago Press. 1994.

CINTRA, L.F.L. (Ed.). **Crónica Geral de Espanha de 1344**. edição critica. Lisboa, Academia de Ciencias, 1951. Disponível em: <<http://purl.pt/336>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

CROFT, W.;CRUSE, D. A. **Cognitive linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

DELANCEY, S. Transitivity in grammar and cognition. In: TOMLIN, Russell S. **Coherence and grounding in discourse**. Amsterdam: John Benjamins, 1987.

DIK, S.C. **The theory of functional grammar**. 2. ed. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 1997. 2v.

GIVÓN, T. **Syntax: an introduction**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001.

GIVÓN, T. **English grammar: a function-based introduction**. Amsterdam: John Benjamins. v.1, 1993.

GIVÓN, T. **Functionalism and grammar**. Philadelphia, J. Benjamins, 1995.

KEMMER, S. **The middle voice**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1993.

LANGACKER, R. W. **Foundations of cognitive grammar: theoretical prerequisites**. Stanford, California: Stanford University Press. v.1, 1987.

LANGACKER, R. **Foundations of cognitive grammar**. Descriptive application. Stanford/California: Stanford University Press, 1991.

LANGACKER, R. W.. **A course in cognitive grammar**. California: University of California. Preliminary draft. 2000.

LIMA, M. C. **A não-atribuição de causalidade na Crônica Geral de Espanha de 1344**. 2009. 471 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/6645>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

POTTIER, B. **Semantique generale**. Paris: Presses Universitaires de France, 1992.

PRINCE, E. Toward a taxonomy of given/new information. In: COLE, P. (ed.) **Radical pragmatics**. New York, 1981.

VARELA, F. J.; THOMPSON, E.; ROSCH, E. **A mente incorporada: ciências cognitivas e experiência humana**. Porto Alegre: Artmed, 2003.